

# Face Sul do Dedo de Deus 4º VI A1 (VIIa) E2 D1, 150 metros

Localização: Dedo de Deus, Face Sul, Guapimirim - RJ

Conquistadores: Etzel Ritter von Stockert e Cláudio Vieira de Castro, em 29/09/1963

Vias clássicas do CERJ

Maio de 2026

A Face Sul do Dedo de Deus é a primeira via de escalada a fazer cume nesta montanha sem que se passe pela escadinha do lance final. Seu nome se deve ao fato de ser a primeira via nesta face da montanha.

A via não é longa, mas tem uns trechos mais complexos, exige um bom psicológico e o domínio de técnicas de chaminé. Em 2019/2020, Fabrício Vieira implementou uma reforma da Face Sul, batendo paradas duplas em chapeletas e substituindo grampos em mau estado, de modo que ela se encontra hoje (2026) em perfeitas condições de ser repetida.

## POR QUE É UMA CLÁSSICA?

A Face Sul foi a primeira via a fazer cume do Dedo de Deus sem passar pela famosa escadinha normalmente usada para vencer o lance negativo final, que era a única maneira, desde 1912, quando a montanha foi conquistada, de se chegar ao seu cume. Sua conquista, portanto, foi um feito memorável!

Além disso, seus conquistadores eram apenas dois garotos quando idealizaram e implementaram a via: Claudinho tinha 14 quando fez sua primeira investida na via; e Etzel, apenas 2 anos e meio a mais. Na época da conclusão da conquista, Claudinho, já com 15 anos feitos, sequer pôde ingressar na escola de guias do CERJ (ETGE de 1963), visto que, pelo estatuto do clube, não poderia se formar como

guia de montanha. Desse modo, enquanto os alunos da ETGE escalavam a Face Leste à noite, ele e Etzel, que não podiam estar nesta atividade, decidiram implementar o seu projeto pessoal: fazer cume do Dedo de Deus de um modo totalmente novo pela primeira vez. E conseguiram! Foram as primeiras

pessoas a pisar no cume do Dedo sem passar pela famosa escadinha (Veja o texto CERJ, ESCOLA DA VIDA!, neste documento). A Face Sul, portanto, é uma via de uma importância enorme para o montanhismo nacional, em geral; e para o CERJ, em particular.



CONHEÇA MAIS  
VIAS CLÁSSICAS  
DO CERJ AQUI!



Foto: João Paulo Fortes

*O Dedo de Deus em close-up! À esquerda do leitor, as vias da Face Sul; à direita, as vias da Face Leste.*

Ambos os conquistadores se tornariam, futuramente, grandes escaladores do clube, com conquistas emblemáticas. Etzel já havia conquistado o K2 no ano anterior (Ver o informativo VIAS CLÁSSICAS sobre o Paredão K2) e a Agulha Bonatti (alguns meses antes da Face Sul, em abril de 1963), duas clássicas do CERJ. No ano seguinte, em 1964, participou ainda da conquista da Chaminé Idalício, outra grande clássica de Itatiaia (e umas das 50 clássicas do Brasil, no livro de Flávio e Cynthia Daflon).

Claudinho e ele, juntos, também participaram de outras tantas conquistas lendárias, como o Pico do Dedo, em Nova Venécia, no Espírito Santo; e o Paredão IV Centenário, na Urca (ambas em 1965). Claudinho contribuiu, ainda, com várias outras conquistas importantíssimas, como a Chaminé Pellegrini, no Pico Menor de Friburgo (em 1965); a via CERJ, no Capace-

te, em Nova Friburgo (em 1970); e o Paredão Salomyth, na Urca (em 1971). Ele próprio acabou sendo homenageado com uma via, o Paredão Cláudio Vieira de Castro, na Pedra Negra, em Itaipava (em 1975). A Face Sul, portanto, é uma via que fala não apenas por si, mas por ser um feito épico de dois grandes nomes do montanhismo nacional.

## DESCRIÇÃO

A via começa em uma parada dupla de chapeletas. O início é uma pequena desescalada, um trecho fácil de trepa-pedra, de no máximo 4º grau, e chega-se a um platô na base, de modo que o escalador fica de frente para a primeira fenda.

A partir daí, sobe-se um trecho até o próximo platô. A fim de superar o bloco de chegada ao platô, bastante liso, é possível proteger o lance com uma peça pequena, apesar de haver um grampo mais abaixo que já garante a segurança. Chega-se então ao platô da Chaminé do Cocô (que recebeu esse nome devido ao barro amarronzado que escorria dali na época da conquista). A parada é nova, tendo sido reformada em 2020.

A próxima enfiada é a Chaminé do Cocô, que se recomenda ser feita de frente para o Escalavrado e de costas para o Polegar. O ideal é fazer sem mochila, pois o lance não é simples. No final, há uma agarra grande para a mão direita, para ganhar o lance de chegada ao platô. A parada dupla fica logo depois desse lance, sendo possível içar a mochila a partir dela.

### EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2026-2028)

**Presidência:** Waldir Júnior

**Vice-Presidência:** Mariozinho Richard

**Secretaria:** Renata Aguiar e Alexandre Chevitaresh

**Tesouraria:** Mônica Esteves e Carlos Mattos

**Diretoria Social:** Yvie Barcellos e Anderson Gomes

**Diretoria Técnica (DT):** Alexandre 'Xandão' Gomes da Costa

**Auxiliares da DT:** Igor Costa, Luiz Puppim e Pedro Bugim

**Diretoria de Comunicação:** Rafaella Miranda e Thailli Conte

**Diretoria de Ecologia:** Bruno Waldman e Thamires Reyneres

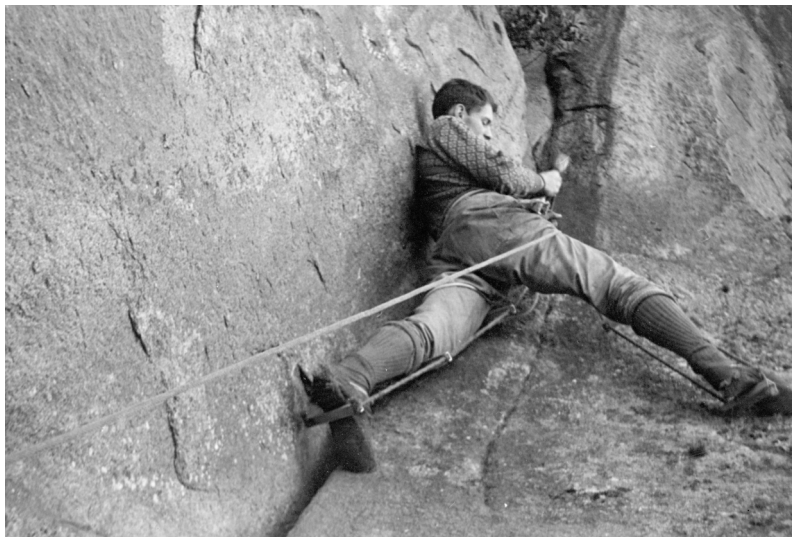
PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

**Texto:** Igor Costa

**Descrição e Aproximação:** Fabrício Vieira

**Croqui:** Thailli Conte (com base no croqui de Tio Lúcio e no croqui de João Paulo Fortes)

**Agradecimentos:** Tio Lúcio, Fabrício Vieira, Cláudio Vieira de Castro, Reynaldo Pires, João Paulo Fortes, Waldecy Lucena, Mariozinho Richard.



*Etzel durante a conquista da Face Sul do Dedo de Deus, provavelmente no final da "Fissura do Medo", sobre um estribo feito de cordas e tabuinhas.*

A enfiada seguinte é saindo pela direita, até um novo platô, do qual não é possível ter contato visual com o parceiro. Nesse ponto, é preciso ter os Camalot #3 e #4. Há um lance estranho, quase um A0. Protege-se com o Camalot #4 próximo de uma árvore, sobe-se nela e se chega a uma nova parada dupla, que também está reformada.

A enfiada seguinte é o crux da via, um lance de VI (há sugestões de VII) grau, mas que pode ser artificializado (A0). Chega-se então ao colo e encontra-se uma nova parada dupla, de grampos antigos, mas que estão em bom estado.

A partir daí a escalada é pelo colo, estilo costão. É possível fazer em uma única enfiada com corda de 60 metros, mas perde-se a comunicação com o parceiro. Há apenas um grampo depois de uns 10 metros, sendo que no restante da via não existem mais proteções. É preciso, portanto, fazer proteção na vegetação, progredindo entre a rocha e o mato. Fique atento para não entrar muito pela vegetação, mas evitando, também, estar muito na beirada da rocha. A parada final deve ser feita já perto do cume, laçando um bloco de pedra com uma fita longa (1,5 metro).

## APROXIMAÇÃO

Faça a trilha para o Dedo de Deus e, quando chegar à bifurcação que leva à direita, para a Face Leste, não siga por ela. Continue pela esquerda, em direção ao acesso à Via Teixeira. Suba os cabos de aço normalmente, como se fosse fazer a Teixeira e, antes de subir o último cabo, pegue uma picada para a direita. Continue andando até encontrar uma parada dupla de chapeletas, que é a dupla inicial da via. O lance é delicado, mas é seguro ir até ela.

# Face Sul do Dedo de Deus - 4º VI A1 (VIIa) E2 D1, 150 metros

Dedo de Deus, Face Sul, Guapimirim - RJ

## Conquistadores:

Etzel Ritter von Stockert e Cláudio Vieira de Castro

29/09/1963

## Equipamentos:

Corda de 60m

6 costuras

1 par de estribos

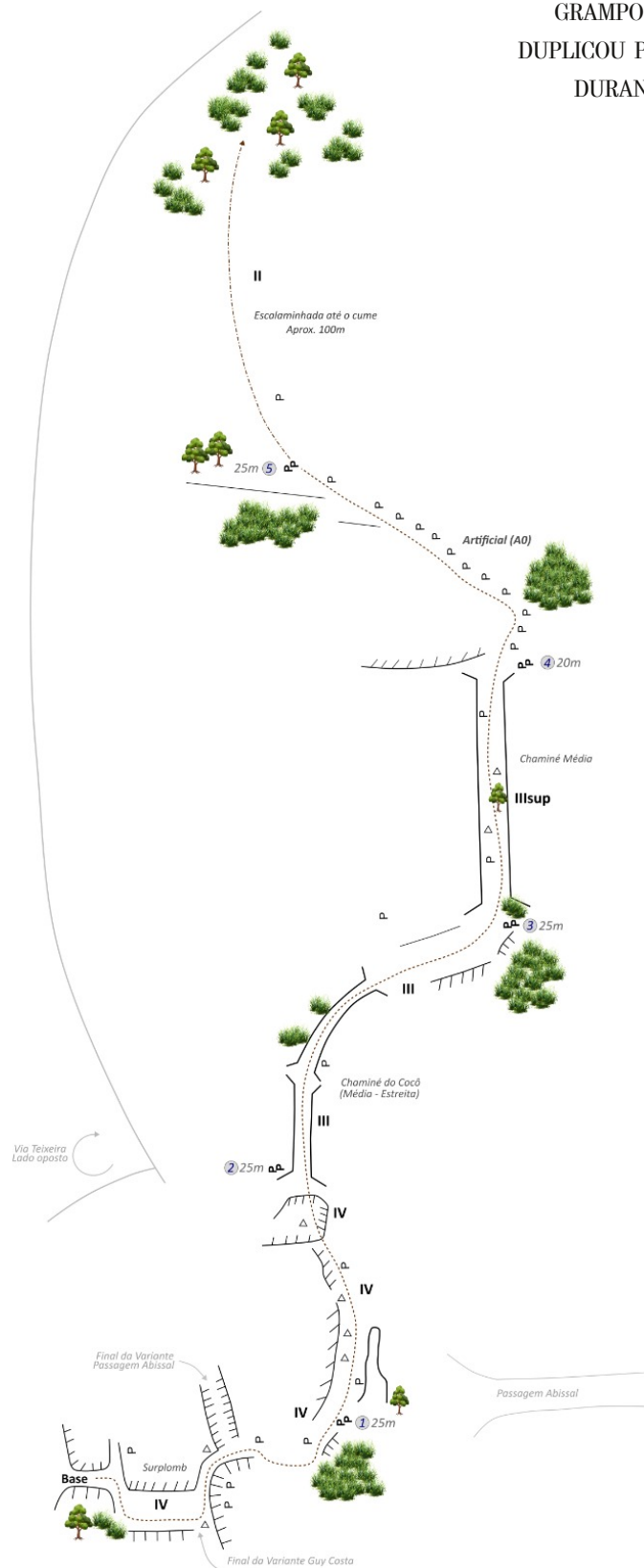
Friends do #.3 ao #4

## Legenda:

▣ Grampo de aço carbono

△ Colocação móvel (sugestão)

ESTE CROQUI FOI BASEADO NOS CROQUIS ANTERIORES À REFORMA DE 2019/2020, QUE TROCOU ALGUNS GRAMPOS POR CHAPELETAS E DUPLICOU PARADAS. FIQUE ATENTO DURANTE SUA ESCALADA!



A foto ao lado foi tirada na Praça Getúlio Vargas, em Nova Friburgo, após a conquista da Chaminé Pellegrini, em julho de 1965. Reynaldo Santos nos recebeu em sua Churrascaria, que ficava nessa praça. Ele foi um dos conquistadores do Itabira e do Pico Maior de Friburgo, com Silvio Mendes e Reynaldo Benken.

O Reynaldo Santos já me conhecia, visto que, depois da repetição da Chaminé Brasília, realizada em dezembro de 1963 [Ver Vias Clássicas sobre a CHAMINÉ BRASÍLIA], o Bravin resolveu fazer uma repetição do Pico Maior de Friburgo, três meses depois, em março de 1964. Ele já depositava tanta confiança em mim, com apenas 15 anos, que me convidou para ser o primeiro de uma das cordadas.

O Bravin fez uma cordada com o Paulo César Miranda Conceição (Paulinho) e eu fiz a outra cordada com o Carrozzino, que ingressara no CERJ havia poucos meses. Aproveitou-se o feriado da Semana Santa, que caiu junto com o meu aniversário de 16 anos.

Comemoramos a escalada e o meu aniversário na churrascaria do Reynaldo Santos, em Nova Friburgo, que ficou muito feliz ao saber que havíamos feito a repetição de uma escalada da qual ele fora um dos conquistadores, junto à equipe do Silvio Mendes, na década de 1940. A partir daí, desenvolvi uma grande amizade com o Krrô e, mais tarde, nos tornamos compadres, quando ele se casou com a Layla e nasceu o primeiro filho, Gustavo Carrozzino.

Voltando à foto, na última investida da Chaminé Pellegrini, permanecemos três dias na monta-



A partir da esquerda: Gino de Barros, Antônio Carlos Costa e Silva, Cláudio Vieira de Castro, Reynaldo Pires Ferreira, Ronaldo Wegner, Reynaldo Santos, Giuseppe Pellegrini e Carlos Alberto Carrozzino.

nha, em um total de 55 horas, sem descer e pouco dormindo, devido ao frio intenso daquela semana de julho, com a roupa de escalada e sem agasalhos adequados para o frio até concluir a conquista. Passamos duas noites seguidas sentados em um platô, a cerca de 2.300 metros de altitude. No último dia, já não havia mais água nem alimentos.

Combinamos de escalar até às 11h daquela manhã. Felizmente, chegamos ao cume dentro do horário combinado.

Na descida, na base da escalada, fomos recebidos pela equipe de base e a família do Zé Cândido, dono daquela área, com um bolo bem enfeitado, iluminado

por algumas velas acesas. Era o dia do aniversário do Reynaldo Pires Ferreira, 23 de julho de 1965. Ali mesmo, cantamos os parabéns e conseguimos saciar um pouco da fome e da sede.

No mês seguinte, agosto, teve início a ETGE (Escola Técnica de Guias Excursionistas) de 1965,

***Éramos muito jovens, eu  
tinha 14 e faria 15 anos  
dois meses após, em março;  
e o Etzel, cerca de 2 anos  
mais do que eu.***

dirigida pelo Pellegrini, Diretor Técnico (DT) do CERJ, da qual participaram 4 conquistadores presentes na foto: Carrozzino, Claudinho (eu), Antônio Carlos Costa e Silva (Tubinho) e Ronaldo Wegner (Ronaldinho). Além desses, participaram Silvio Sobral da Silva Rego, Nilo Lopes, Jair Lourenço e Anselmo. O Reynaldo fez a ETGE seguinte junto com o Antônio Francis (Toninho).

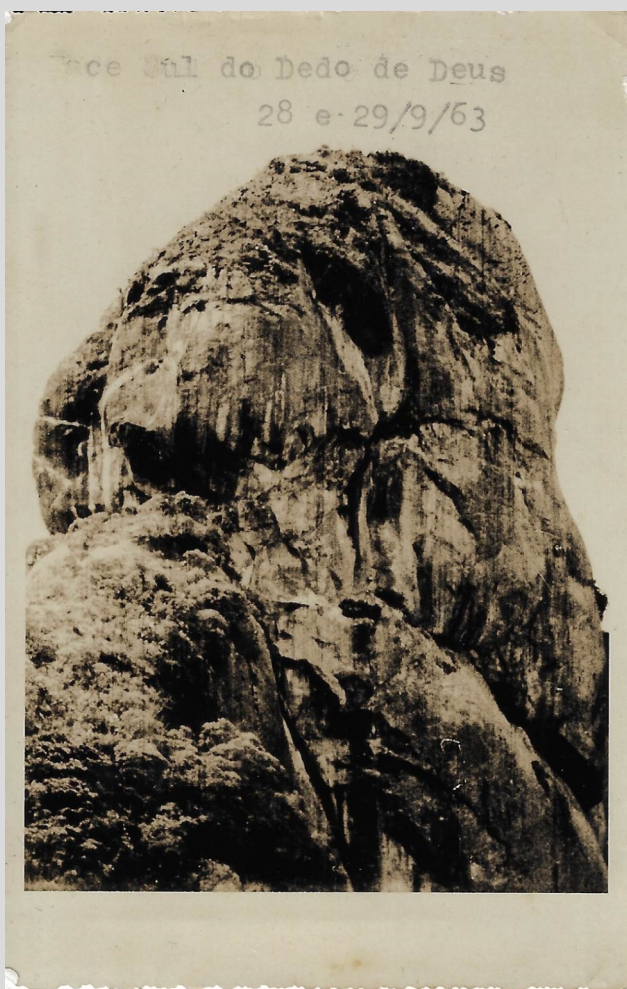
O Gino fez a ETGE de 1963 junto com o Garrido, Jadyr Santiago, Luiz Carlos Teixeira da Silva, Haroldo Sprenger e algum outro que posso não estar me recordando agora. Todas essas ETGEs dirigidas pelo Pellegrini.

Mas como isso tudo se relaciona à conquista da Face Sul do Dedo de Deus? A ETGE de 1963 foi também uma escola bem forte. O Gino e o Garrido eram os mais experientes. Todos escalavam muito bem. Mas eu não pude fazer essa escola com eles, porque não poderia receber o diploma de guia com apenas 15 anos de idade. Fui orientado pela Diretoria do CERJ a aguardar a ETGE de 1965.

Assim sendo, enquanto 1965 não chegava, Etzel e eu nos tornamos grandes amigos e passamos a escalar juntos, quase que diariamente, durante os meses de férias escolares, em janeiro e fevereiro de 1963. Éramos muito jovens, eu tinha 14 e faria 15 anos dois meses após, em março; e o Etzel, cerca de 2 anos mais do que eu. A Face Sul, porém, já havia sido idealizada e iniciada por ele antes de eu conhecê-lo, na virada de ano de 1962 para 1963, no Abrigo Rebouças, em Itatiaia.

Então, nesse período de férias, fizemos nossa primeira investida, juntos, à Face Sul, em janeiro de 1963.

Contudo, no final de semana de 28 e 29 de setembro de 1963, o Pellegrini levou a ETGE ao Dedo de Deus. Ao chegar na toca da Cuíca, ele surpreendeu os alunos, decidindo fazer a Face Leste, à noite. Eu e o Etzel, sabendo da programação da ETGE, combinamos de concluir a Face Sul do Dedo nesse mesmo final de semana. Passamos a noite de sábado para domingo sentados em um pequeno platô na base da "Fissura do Medo", um lance que começava em negativo e a fissura seguia, verticalmente, por alguns metros acima. Vimos o grupo da ETGE passar abaixo de nós, à noite, na passagem horizontal que leva à base da Leste. Só víamos as lanternas acesas.



*Face Sul do Dedo de Deus. Foto original dos conquistadores mostrando a linha da via. O texto batido à máquina diz "Face Sul do Dedo de Deus 28 e 29/9/63".*

No dia seguinte, 29 de setembro de 1963, concluímos a conquista da Face Sul e vimos, no livro de cume, que a ETGE havia pernoitado ali e descido havia pouco tempo. Após fazermos o registro da conquista no livro de cume, descemos rapidamente e encontramos o grupo da ETGE na base da última descida da Via Teixeira, no Paredão Vilela.

Foi feita uma confraternização ali mesmo e descemos juntos com o grupo. Os alunos da ETGE desceram com o nosso material de conquista em uma demonstração de solidariedade que faz parte do espírito CERJense, desde os tempos mais remotos até os dias de hoje.

Sou muito grato ao CERJ e muito me orgulha ter podido, ao longo do tempo, contribuir para o seu desenvolvimento e para a formação de novos valores, na qualidade de Guia, DT e Presidente.

O CERJ é uma verdadeira Escola da Vida.

## AFINAL, O QUE É UM "SUPLOM"?

Arte por Cláudio Vieira de Castro

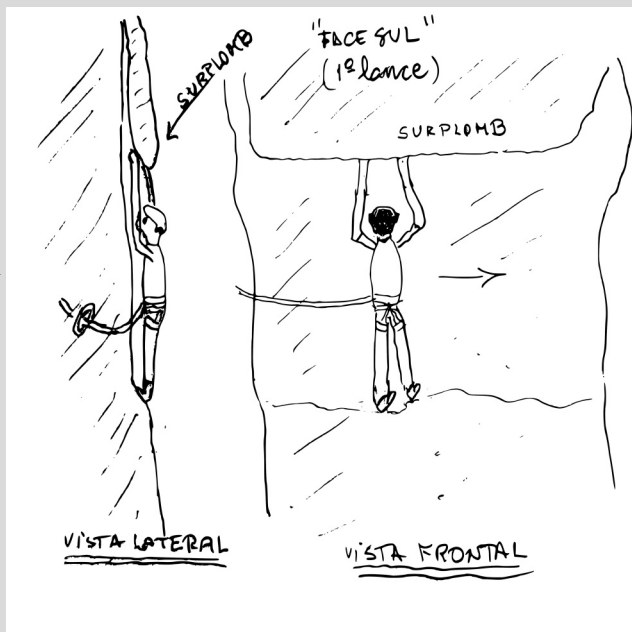


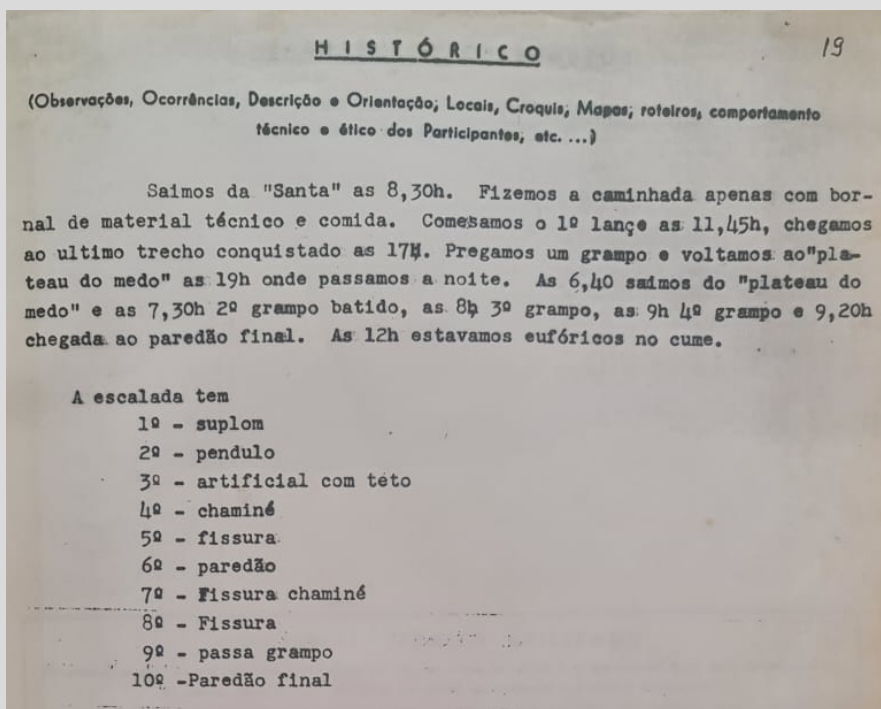
Ilustração esquemática feita por Cláudio Vieira de Castro do "surplomb", trecho que caracteriza o início da Face Sul do Dedo de Deus.

O trecho horizontal em que se inicia a Face Sul do Dedo é chamado no relato da conquista (ver abaixo) de "suplom". É o próprio Claudinho quem nos explica que lance é esse:

"No caso da Face Sul, o primeiro lance é uma horizontal sob um "Surplomb", que é uma rocha que avança, se projeta, para fora da parede, superpondo-

se a esta, formando uma fenda horizontal longa com a parede principal (como se fosse um teto bem estreito). O lance é feito pisando num veio horizontal, fácil de passar, e segurando com as duas mãos, e com os braços estendidos acima da cabeça, na fenda formada entre o "Surplomb" e a rocha, para manter o equilíbrio e não cair para trás, pois a parede é vertical nessa passagem.

Naquela época, o francês era dominante no mundo e havia muita literatura em francês, e os alpinistas franceses estavam em evidência, tais como Lionel Terray, Gaston Rébuffat, Louis Lachenal, René Desmason, Pierre Allain, etc. Era comum usar-se termos em francês, tanto no cotidiano como no alpinismo. Termos como Piton, Descendeur, Piolet e outros eram comuns. A revista *La Montagne* era bem conhecida entre nós. Encomendávamos material de escalada da loja *Aux Vieux Campeur*, que fica em Paris. O Etzel, quando garoto, começou a escalar com o Mincheti e o Salomyth, que importavam material e vestimenta da França. O Etzel esteve na base da Face Sul com o Mincheti um ano antes da conquista e acredito que o uso da palavra "Surplomb" teve origem nesse momento, quando surgiu a ideia de fazer a via. O Etzel, ainda garoto, tratou de "aportuguesar" a palavra para "suplom".



Arquivo do CERJ

Relatório de Conquista da Face Sul do Dedo de Deus, com detalhamento dos horários de cada etapa da investida. O relatório é assinado por Etzel Ritter von Stockert, idealizador e um dos conquistadores da via.

Quinta-feira no CERJ, planos para o fim de semana cancelados na última hora, quando Waldecy me "convida" para guiar esta escalada. Como já havia cancelado uma excursão nesta via por conta de uma lesão jogando futebol, aceitei na hora.

Não conhecia a via nem os equipamentos necessários, apenas uma rápida conversa com Reynaldo Pires (um dos conquistadores<sup>1</sup>) que comentou sobre a sua verticalidade, e recomendou o uso de algumas proteções móveis<sup>2</sup>. Basicamente, sem o uso destes equipamentos, nossa escalada estaria comprometida.

Mesmo sem conhecer a via, estava à vontade, no inconsciente aceitava o chamado selvagem da montanha mágica, e novamente ansioso e com humildade, partimos de encontro ao desconhecido.

A via começa um pouco antes da base da Teixeira e segue sempre pela Face Sul da montanha, sempre na sombra virada de frente para o Dedo de Nossa Senhora e o Escalavrado.

O primeiro esticão é basicamente em horizontal e a única certeza que eu tinha enquanto progredia na guiada era não olhar pra baixo. A algumas centenas de metros abaixo era possível ver a Cuíca e, digamos, essa visão impressiona e torna o lance mais difícil do que realmente é.

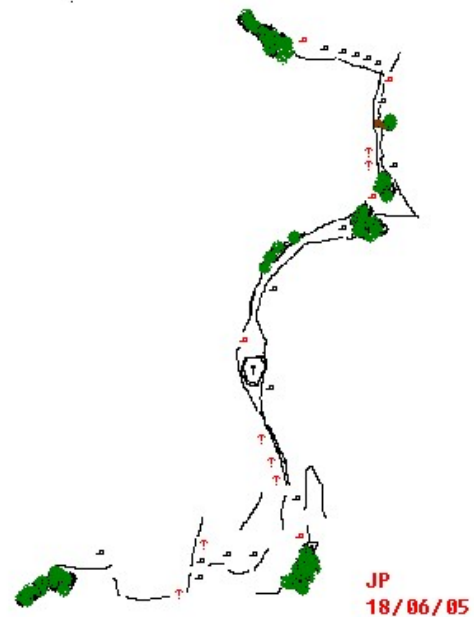
O segundo esticão se inicia por uma bela fissura que aceita algumas proteções adicionais "à prova de bomba". O jogo de leitura das fendas é fascinante e torna a escalada mais protegida. Após esta fissura, o crux da via, uma grande pedra entalada que foi vencida em A2 numa delicada sequência de friends e

**Dedo de Deus  
Via Face Sul  
3 U (A2)**

**Equipos utilizados:**

- 1 corda 60 m.
- Camalots 1,2 e 3
- Simond 0,5 e 1
- Wales 2
- Nuts Blue Water 4 e 8
- Joelheiras
- 6 costuras
- 1 par de estribos
- Saca Nut
- 3 Mosquetoes Rosca
- Fitas diversas

- ▬ Paradas
- ▬ Grampo de 1/2
- † Friends
- ‡ Nuts



*Croqui da Face Sul elaborado por JP em 2005 e divulgado na lista de e-mails do CERJ. Com exceção deste e do croqui elaborado pelo Tio Lúcio (usado de base neste material), não se sabe de outro feito para a Face Sul do Dedo de Deus até o momento.*

dois nuts. Antes de concluir o lance, meu pé escorregou no negativo e, com isso, pude comprovar na prática que as proteções estavam bem colocadas. Arritmia e respiração controladas, segui para o alto e avante...

Se não estou enganado, o terceiro esticão é iniciado na "Chaminé do Cocô" (Requião pode explicar o motivo deste apelido). Com o atual período de seca, nossa escalada foi facilitada, mas a quantidade de limo seco na parede talvez justifique o seu bizarro apelido. Ao final deste esticão, me deparei com uma velha cunha de madeira. Percebi que se tratava de um "pé de mesa" cravado na

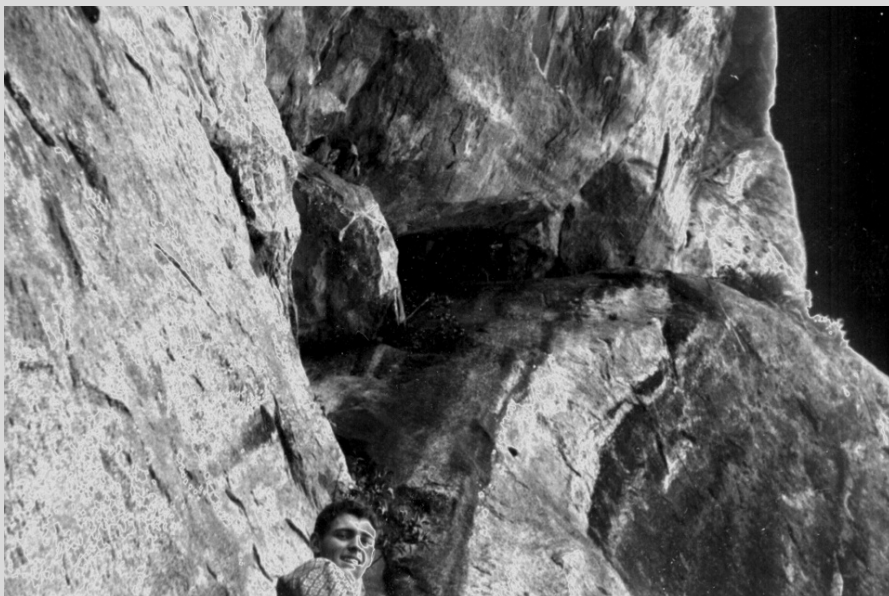
pedra com um velho cordelete usado para prender os mosquetões. Novamente, a visão dos conquistadores me veio à cabeça e o sentimento de estar repetindo uma via clássica do CERJ me encheu de orgulho e disposição para seguir na guiada.

O quarto esticão foi o mais difícil, embora



Acervo Pessoal de Waldecy Lucena

*JP e Wal na Passagem dos Olhos. Os dois escalaram a Face Sul do Dedo de Deus em 2005, décadas após a última cordada conhecida na via.*



*Final do 1º teto, na base da Chaminé do Cocô, que termina em um lance para a direita e chega na base da Fissura do Medo, em um pequeno platô de mato, onde Claudinho e Etzel pernottaram para concluir a via, em 29/09/1963.*

não fosse o mais técnico. Difícil pela falta de um Camalot #4 - o qual, para poupar nosso peso, foi deixado no carro. Confesso que quase amarelei, mas a cordada estava firme e meu parceiro me deu um apoio moral decisivo: "Ih! Vai lá, Jota... Olha a quantidade de agarras de pé... Você tira isso de letra..." Eu juro que não enxergava esta mesma quantidade de agarras, somente uma árvore a uns 8 metros acima, que serviria com proteção para o lance.

O lance começa com um entalamento de meio corpo protegido com móveis. Para conseguir entalar o corpo, foi necessário o uso de estribos com os Camalots encaixados no fundo da fenda, no limite do meu braço. A Cuíca continuava lá embaixo, sorrindo pra mim e falando "Eu quero ver se tu é homem, mané..." (essa música me acompanhou mentalmente durante toda a escalada). A chaminé seguinte também é protegida com móveis, sendo necessário recolocar a maior peça um pouco mais acima e partir "guerreiro" até a árvore.

Para concluir a escalada, já com um gosto de vitória, uma fácil sequência de artificial A0 para a esquerda e caminhada pela delicada floresta do cume do Dedo.

Concluímos a escalada em 4 longas horas. O dia estava clássico, com céu de brigadeiro sem vento. Pessoas no cume do Dedo de Nossa Senhora e Escalavrado acompanharam de camarote os momentos finais da nossa grande escalada e não

paravam de mandar "Uhull..."

Chegamos no cume às 14:10, muito felizes. Após os cumprimentos de vitória, ligamos para a Natascha e o Carrô. Ambos comemoraram aquele momento mágico conosco e o Carrô bem lembrou que, em 2005, a via completa 40 anos da sua conquista. Há 40 anos atrás, Reynaldo pisava o cume do Dedo de Deus sem passar pela famosa escada... O primeiro homem a realizar este memorável feito.

---

## NOTAS

*1. Reynaldo Pires, na verdade, não é conquistador da Face Sul do Dedo de Deus. A confusão ocorre porque ele fez a primeira repetição desta, em 1965, junto com o Carrozzino e liderada pelo Claudinho, que conquistara a via dois anos antes.*

*Assim, Claudinho e Etzel foram, de fato, as primeiras pessoas no planeta a chegar ao topo do Dedo de Deus sem usar a escada no final das vias tradicionais, Leste e Teixeira.*

*Há, porém, um destaque emblemático a se fazer sobre essa repetição: quando da conquista, tanto o Etzel quanto o Claudinho já tinham escalado o Dedo de Deus pelas vias tradicionais. Reynaldo, porém, nunca havia escalado a montanha antes. Logo, de fato, ele é a primeira pessoa a fazer a sua primeira ascensão do Dedo de Deus sem passar pela tradicional escada da via Teixeira.*

*2. Em 1968, Claudinho, Etzel, Reynaldo Pires e Cláudio Leuzinger fizeram uma segunda repetição da Face Sul do Dedo. Após isso, o CERJ não teve notícias de outras repetições à via, até que JP e Waldecy Lucena, em 2005, voltaram a escalá-la. Este é o relato desse resgate da via.*

---